



DAENERYS
A MÃE DOS DRAGÕES

DAENERYS
A MÃE DOS DRAGÕES

GEORGE R. R. MARTIN

Tradução de Jorge Candeias



COLEÇÃO
TEEN
Uma aventura por vida



TÍTULO: *Daenerys, A Mãe dos Dragões (volume 1 da Coleção Teen)*

AUTORIA: *George R.R. Martin*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência.

Conto extraído do original A Game of Thrones © 1996 George R.R. Martin.

Publicado originalmente nos E.U.A. por Random House, 1996

TRADUÇÃO: *Jorge Candeias*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Soctip - Peres*

1ª EDIÇÃO: *Julho, 2009*

ISBN: *978-989-637-139-5*

DEPÓSITO LEGAL: *296300/09*

Coleção Teen é uma marca registada da Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



O IRMÃO ERGUEU o vestido para que ela o inspecionasse.
— Isto é maravilhoso. Toca-lhe. Vá lá. Acaricia o tecido.

Dany tocou-lhe. O tecido era tão macio que parecia correr-lhe pelos dedos como água. Não se conseguia lembrar de alguma vez ter usado algo tão suave. Assustou-a. Afastou a mão.

— É mesmo meu?

— Um presente do Magíster Illyrio — disse Viserys, sorrindo. O irmão estava de bom humor naquela noite. — A cor realçará o violeta dos teus olhos. E também terás ouro e joias de todos os tipos. Illyrio prometeu-o. Esta noite deves parecer uma princesa.

Uma princesa, pensou Dany. Já esquecera como isso era. Talvez nunca tivesse realmente sabido.

— Porque nos dá ele tanto? — perguntou. — O que quer de nós? — Há quase meio ano que viviam na casa do magíster, comiam da sua comida, eram apapricados pelos seus criados. Dany tinha treze anos, idade suficiente para saber que tais presentes raramente vêm sem preço, ali na cidade livre de Pentos.

— Illyrio não é nenhum tolo — disse Viserys. Era um jo-

vem magro com mãos nervosas e um ar febril nos seus olhos de um tom claro de lilás. — O magíster sabe que não esquecerei os amigos quando subir ao trono.

Dany nada disse. O Magíster Illyrio era um comerciante de especiarias, pedras preciosas, ossos de dragão e outras coisas menos palatáveis. Tinha amigos em todas as Nove Cidades Livres, dizia-se, e mesmo para lá delas, em Vaes Dothrak e nas terras das fábulas junto ao Mar de Jade. Também se dizia que nunca tinha tido um amigo que não fosse capaz de vender alegremente pelo preço justo. Dany escutava o falatório nas ruas, e ouvia estas coisas, mas também sabia que era melhor não questionar o irmão quando ele tecia as suas teias de sonho. Quando era despertada, a ira de Viserys era algo de terrível. Ele chamava-lhe “o acordar do dragão”.

O irmão pendurou o vestido ao lado da porta.

— Illyrio vai enviar as escravas para te darem banho. Assegura-te de que te vês livre do fedor dos estábulos. Khal Drogo tem mil cavalos e hoje vem à procura de um tipo diferente de diversão. — Estudou-a criticamente. — Ainda entortas as costas. Endireita-te. — Pôs-lhe as mãos nos ombros e puxou-os para trás. — Deixa-os ver que tens agora a forma de uma mulher. — Os dedos do irmão roçaram levemente nos braços leitosos e apertaram-lhe a carne. — Não me falharás esta noite. Se o fizeres, será mau para ti. Não queres acordar o dragão, pois não? — Os dedos torceram-se, um beliscão cruel e duro através do tecido grosseiro da túnica. — Pois não? — repetiu.

— Não — disse Dany docilmente.

O irmão sorriu.

— Ótimo. — Tocou-lhe o cabelo, quase com afeição. — Quando escreverem a história do meu reinado, minha doce irmã, dirão que começou esta noite.

Quando ele saiu, Dany foi até à janela e olhou, melancólica, as águas da baía. As torres quadradas de tijolo de Pentos eram silhuetas negras delineadas contra o sol poente. Dany conseguia ouvir os sacerdotes vermelhos a cantar enquanto acendiam as piras noturnas e os gritos de crianças esfarrapadas que jogavam

para lá dos muros da propriedade. Por um momento, desejou poder estar lá fora com elas, de pés nus, sem fôlego e vestida de farrapos, sem passado nem futuro, nem um banquete a que ir na mansão de Khal Drogo.

Algures para lá do sol-posto, do outro lado do estreito mar, havia uma terra de colinas verdes e planícies cobertas de flores e grandes rios caudalosos, onde torres de pedra negra se erguiam por entre magníficas montanhas azuis-acinzentadas, e cavaleiros de armadura cavalgavam para a batalha sob os estandartes dos seus senhores. Os Dothraki chamavam a essa terra Rhaesh Andahli, a terra dos ândalos. Nas Cidades Livres, falavam de Westeros e dos Reinos do Poente. O seu irmão tinha um nome mais simples. Chamava-lhe “a nossa terra”. Para ele, as palavras eram como uma prece. Se as dissesse as vezes suficientes, os deuses certamente ouviriam. “É nosso o direito de sangue, usurpado por meios traiçoeiros. Não se rouba um dragão, oh, não. O dragão recorda”.

E o dragão talvez recordasse mesmo, mas Dany não. Nunca vira aquela terra que o irmão dizia que lhes pertencia, este domínio para lá do estreito mar. Aqueles lugares de que falava, Rochedo Casterly e o Ninho de Águia, Jardim de Cima e o Vale de Arryn, Dorne e a Ilha das Caras, para ela eram apenas palavras. Viserys fora um rapaz de oito anos quando fugiram de Porto Real para escapar ao avanço dos exércitos do Usurpador, mas Daenerys não passara de uma partícula de vida no ventre da mãe.

Mesmo assim, por vezes, Dany conseguia visualizar os acontecimentos, tantas tinham sido as ocasiões em que ouvira o irmão contar as histórias. A fuga a meio da noite para Pedra do Dragão, com o luar a cintilar nas velas negras do navio. O seu irmão, Rhaegar, a dar batalha ao Usurpador nas águas sangrentas do Tridente e a morrer pela mulher que amava. O saque de Porto Real por aqueles a quem Viserys chamava os cães do Usurpador, os senhores Lannister e Stark. A princesa Elia de Dorne a suplicar por misericórdia quando o herdeiro de Rhaegar lhe fora arrancado do seio e assassinado perante os seus

olhos. Os crânios polidos dos últimos dragões a olharem sem ver do alto das paredes da sala do trono quando o Regicida abrisse a garganta do Pai com uma espada dourada.

Nascera em Pedra do Dragão quatro luas depois da fuga, durante a fúria de uma tempestade de Verão que ameaçava destruir a estabilidade da ilha. Diziam que aquela tempestade fora terrível. A frota Targaryen foi esmagada enquanto estava ancorada e enormes blocos de pedra foram arrancados aos parapeitos e precipitados sobre as águas encapeladas do mar estreito. A sua mãe morrera ao dá-la à luz, e por esse facto o irmão Viserys nunca lhe perdoara.

Tampouco se lembrava de Pedra do Dragão. Tinham fugido de novo, imediatamente antes de o irmão do Usurpador se ter feito ao mar com a sua nova frota. Por essa altura, dos Sete Reinos que tinham pertencido aos seus, apenas restava Pedra do Dragão, a antiga sede da sua Casa. Mas não por muito tempo. A guarnição estava preparada para os vender ao Usurpador, mas, uma noite, Sor Willem Darry e quatro homens leais introduziram-se no quarto das crianças, raptaram-nos a ambos e à sua ama-de-leite, e fizeram-se ao mar a coberto da noite em busca da segurança da costa bravosiana.

Lembrava-se vagamente de Sor Willem, um homem que mais parecia um grande urso cinzento, meio cego, a rugir e a berrar ordens a partir da sua cama de doente. Os criados tinham vivido aterrorizados por ele, mas sempre fora bondoso para Dany. Chamava-lhe “pequena princesa” e por vezes “minha senhora”, e as suas mãos eram suaves como couro velho. Mas nunca deixava a cama, e o cheiro da doença agarrava-se-lhe de dia e de noite, um odor quente, úmido, de uma doçura doentia. Nessa altura viviam em Bravos, na casa grande de porta vermelha. Dany tinha aí o seu próprio quarto, com um limoeiro junto à janela. Depois da morte de Sor Willem, os criados roubaram o pouco dinheiro que lhes restava e em breve foram postos fora da casa grande. Dany chorara quando a porta vermelha se fechara nas suas costas para sempre.

Desde essa altura, tinham andado de um lado para o outro,

de Bravos para Myr, de Myr para Tyrosh e daí para Qohor, Volantis e Lys, sem nunca ficarem muito tempo no mesmo lugar. O irmão não o permitia. Insistia que os traidores contratados pelo Usurpador vinham atrás deles, perto, embora Dany nunca tivesse visto nenhum.

A princípio, os magísteres, arcontes e príncipes mercadores tinham-se sentido felizes por dar as boas-vindas aos últimos Targaryen às suas casas e mesas, mas à medida que os anos foram passando e o Usurpador continuou sentado no Trono de Ferro, as portas foram-se fechando e as suas vidas tornaram-se mais pobres. Anos antes, tinham-se visto forçados a vender os últimos tesouros, e agora até o dinheiro que tinham obtido pela coroa da Mãe desaparecera. Nas vielas e tabernas de Pentos, chamavam ao seu irmão “rei pedinte”. Dany não queria saber o que lhe chamavam a si.

— Um dia teremos tudo de volta, minha doce irmã — prometia-lhe Viserys. Às vezes as mãos tremiam-lhe quando falava daquilo. — As joias e as sedas, Pedra do Dragão e Porto Real, o Trono de Ferro e os Sete Reinos, tudo o que nos roubaram, teremos tudo de volta. — Ele vivia para esse dia. Tudo o que Daenerys queria de volta era a grande casa da porta vermelha com o limoeiro em frente da janela do seu quarto, a infância que nunca conhecera.

Ouviu-se um suave toque na porta.

— Entre — disse Dany, virando as costas à janela. As criadas de Illyrio entraram com vênias e começaram a tratar das suas tarefas. Eram escravas, um presente de um dos muitos amigos dothraki do magíster. A escravatura não existia na cidade livre de Pentos. E, no entanto, elas eram escravas. A mulher mais velha, pequena e cinzenta como um rato, nunca dizia uma palavra, mas a rapariga compensava. Era a favorita de Illyrio, uma jovem de dezasseis anos com cabelo claro e olhos azuis que tagarelava sem cessar enquanto trabalhava.

Encheram-lhe a banheira com água quente trazida da cozinha e perfumaram-na com óleos odoríferos. A rapariga puxou a túnica de algodão grosseiro pela cabeça de Dany e ajudou-a

a entrar na banheira. A água escaldava, mas Daenerys não hesitou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Além disso, o irmão dissera-lhe com frequência que nunca nada estava quente de mais para um Targaryen. “A nossa é a Casa do dragão”, dizia. “O fogo está-nos no sangue.”

A mulher mais velha lavou o seu longo cabelo esbranquiçado, e removeu suavemente os nós com uma escova, sempre em silêncio. A rapariga esfregou-lhe as costas e os pés e disse-lhe como tinha sorte.

— Drogo é tão rico que até os seus escravos usam colares de ouro. O seu khalasar tem cem mil cavaleiros, e o seu palácio em Vaes Dothrak tem duzentos quartos e portas de prata sólida. — E houve mais do mesmo género, muito mais, como o khal era um homem bonito, como era alto e feroz, destemido em batalha, o melhor cavaleiro que alguma vez montara um cavalo, um arqueiro demoníaco. Daenerys nada disse. Sempre assumira que se casaria com Viserys quando chegasse à idade adulta. Durante séculos, os Targaryen tinham-se casado irmão com irmã, desde que Aegon o Conquistador tomara as irmãs como noivas. Viserys dissera-lhe mil vezes que a pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o sangue dourado da antiga Valéria, o sangue do dragão. Os dragões não acasalavam com os animais dos campos, e os Targaryen não misturavam o seu sangue com o de homens menores. E, no entanto, agora Viserys conspirava para a vender a um estranho, a um bárbaro.

Quando ficou limpa, as escravas ajudaram-na a sair da água e secaram-na com toalhas. A rapariga escovou-lhe o cabelo até o pôr a brilhar como prata derretida, enquanto a mulher mais velha a untava com o perfume de flores de especiarias das planícies dothrakianas, um salpico em cada pulso, atrás das orelhas e nas pontas dos seios. Vestiram-lhe a roupa de baixo que o Magíster Illyrio lhe enviara e depois o vestido, de seda, com um profundo tom de ameixa para realçar o violeta dos seus olhos. A rapariga enfiou-lhe as sandálias douradas nos pés enquanto a mulher mais velha lhe fixava a tiara no cabelo e fazia deslizar pulseiras douradas incrustadas de ametistas para os seus pulsos.

O último adorno foi o colar, um pesado cordão de ouro torcido ornado com antigos glifos valirianos.

— Agora sim, pareceis uma princesa — disse a rapariga, sem fôlego, quando terminaram. Dany olhou de relance para a sua imagem no espelho prateado que Illyrio tão providentemente lhe fornecera. Uma princesa, pensou, mas lembrou-se do que a rapariga dissera, de como Khal Drogo era tão rico que até os seus escravos usavam colares de ouro. Sentiu um súbito arrepio, e a pele de galinha eriçou-se nos seus braços nus.

O irmão esperava-a na frescura do átrio, sentado na margem da fonte, a arrastar a mão pela água. Pôs-se em pé quando ela surgiu e observou-a com olhos críticos.

— Põe-te aqui — disse. — Vira-te. Sim. Ótimo. Tens um ar...

— Real — disse o Magíster Illyrio, entrando por uma arca da. Movia-se com uma delicadeza surpreendente num homem tão corpulento. Sob vestimentas soltas de seda cor de fogo, rolos de gordura oscilavam enquanto ele caminhava. Pedras preciosas cintilavam em todos os dedos e o seu criado oleara-lhe a barba amarela bifurcada até brilhar como ouro verdadeiro. — Que o Senhor da Luz vos banhe em bênçãos neste tão afortunado dia, Princesa Daenerys — disse o magíster quando lhe tomou a mão. Inclinou a cabeça, mostrando um fino relance de dentes amarelos e tortos através do dourado da barba. — Ela é uma visão, Vossa Graça, uma visão — disse, dirigindo-se a Viserys. — Drogo ficará arrebatado.

— É magra de mais — disse Viserys. O seu cabelo, do mesmo tom louro prateado do dela, tinha sido puxado para trás e bem atado com um pregador de osso de dragão. Era um visual severo que dava ênfase às linhas duras e magras do seu rosto. Pousou a mão no punho da espada que Illyrio lhe emprestara e disse: — Tendes a certeza de que Khal Drogo gosta das suas mulheres assim tão novas?

— Ela já teve o seu sangue. Tem idade suficiente para o khal — respondeu Illyrio, e já não era a primeira vez que o dizia.

— Olhai para ela. Aquele cabelo louro prateado, aqueles olhos púrpura... ela é do sangue da antiga Valéria, sem dúvida, sem dúvida... e bem nascida, filha do antigo rei, irmã do novo, não é possível que não arrebate o nosso Drogo. — Quando Illyrio lhe largou a mão, Daenerys deu por si a tremer.

— Suponho que sim — disse o irmão em tom duvidoso. — Os selvagens têm gostos estranhos. Rapazes, cavalos, ovelhas...

— É melhor não sugerir isso a Khal Drogo — disse Illyrio. A ira flamejou nos olhos lilás de Viserys.

— Tomais-me por um tolo?

O magíster fez uma ligeira vénia.

— Tomo-vos por um rei. Aos reis falta a cautela dos homens vulgares. As minhas desculpas se vos ofendi. — Virou-se e bateu palmas para chamar os carregadores.

As ruas de Pentos estavam escuras como breu quando saíram no palanquim elaboradamente esculpido de Illyrio. Dois criados iam à frente para lhes alumiar o caminho, transportando ornamentadas lanternas a óleo com vidraças de um vidro azul claro, e uma dúzia de homens fortes levavam os paus aos ombros. O espaço lá dentro, por trás das cortinas, era quente e apertado. Dany conseguia sentir o fedor da carne pálida de Illyrio sob os seus pesados perfumes.

O irmão, escarrapachado em almofadas a seu lado, nada notava. A sua mente estava longe, do outro lado do mar estreito.

— Não necessitaremos de todo o seu khalasar — disse Viserys. Os seus dedos brincavam no punho da lâmina emprestada, embora Dany soubesse que ele nunca usara uma espada a sério.

— Dez mil serão suficientes, posso varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki. O domínio erguer-se-á em nome do seu rei de direito. Tyrell, Redwyne, Darry, Greyjoy não sentem mais amor pelo Usurpador do que eu. Os homens de Dorne ardem pela possibilidade de vingar Elia e os seus filhos. E as pessoas simples estarão connosco. Elas choram pelo seu rei. — Olhou ansioso para Illyrio. — Choram, não é verdade?

— São o vosso povo, e amam-vos bastante — disse amavelmente o Magíster Illyrio. — Em povoados por todo o território,

os homens fazem brindes secretos à vossa saúde enquanto as mulheres cosem estandartes do dragão e escondem-nos até ao dia do vosso regresso do outro lado das águas. — Encolheu os maciços ombros. — Ou pelo menos é o que me dizem os meus agentes.

Dany não tinha agentes, nenhuma maneira de saber o que alguém estaria a fazer ou a pensar do outro lado do mar estreito, mas desconfiava das palavras doces de Illyrio do mesmo modo que desconfiava de tudo o que dizia respeito ao homem. Mas o irmão acenava com ardor.

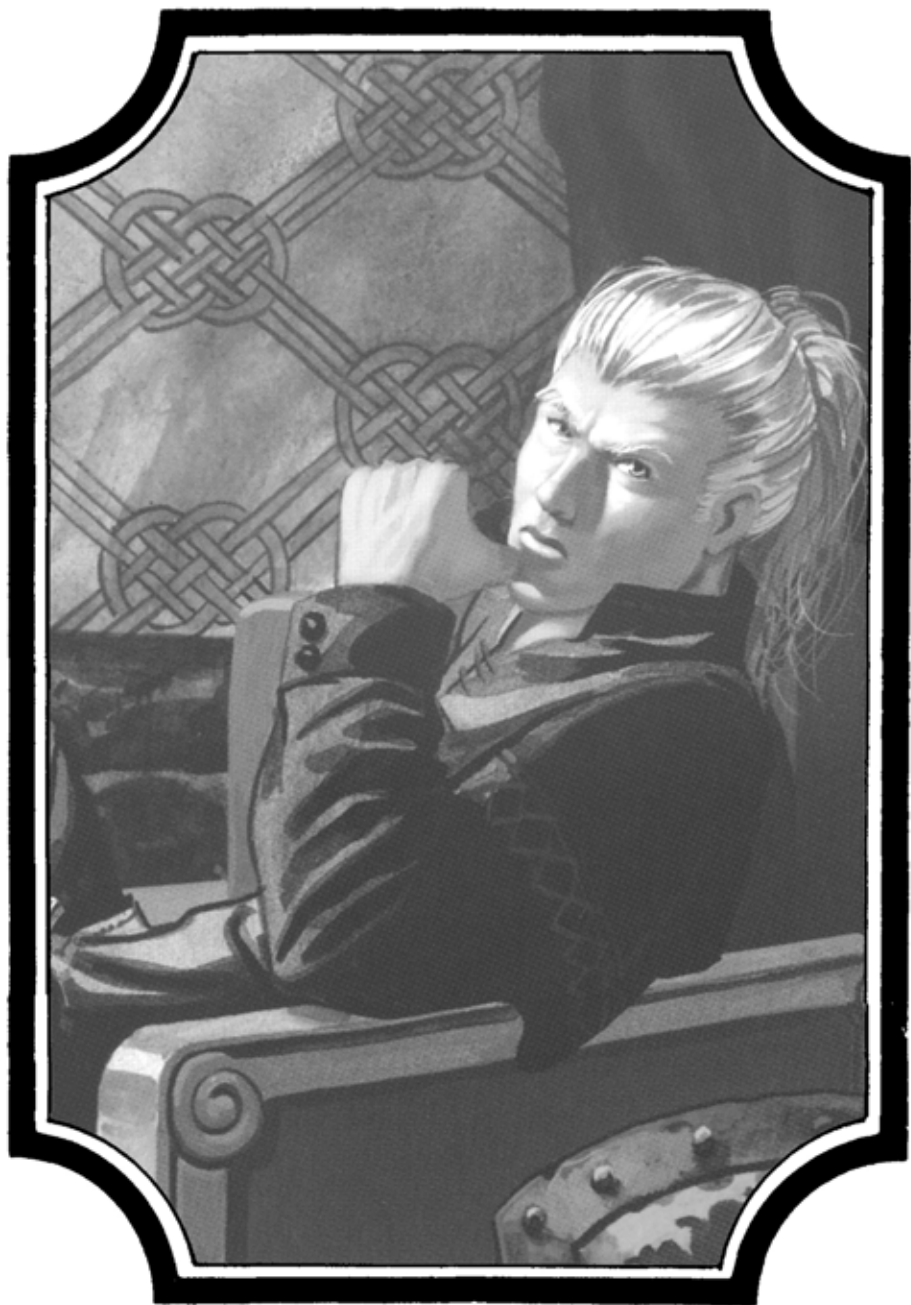
— Matarei eu próprio o Usurpador — prometeu, ele que nunca matara ninguém —, tal como ele matou o meu irmão Rhaegar. E também Lannister, o Regicida, pelo que fez ao meu pai.

— Isso será muito adequado — disse o Magíster Illyrio. Dany viu a minúscula sugestão de sorriso que brincava nos lábios cheios do homem, mas o irmão não reparou em nada. Acenando, ele afastou uma cortina e perdeu o olhar na noite, e Dany soube que estava a lutar de novo a Batalha do Tridente.

A mansão de nove torres de Khal Drogo erguia-se junto às águas da baía, com hera de tons claros a cobrir os seus grandes muros de tijolo. Tinha sido oferecida ao khal pelos magísteres de Pentos, disse-lhes Illyrio. As Cidades Livres eram sempre generosas com os senhores dos cavalos.

— Não é que tenhamos esses bárbaros — explicava Illyrio com um sorriso. — O Senhor da Luz poderia defender as nossas muralhas contra um milhão de dothraki, ou pelo menos é isso que prometem os sacerdotes vermelhos... mas para quê correr riscos quando a sua amizade sai tão barata?

O palanquim em que seguiam foi parado ao portão e as cortinas puxadas rudemente para trás por um dos guardas da casa. Possuía a pele acobreada e os olhos escuros e amendoados de um dothraki, mas tinha o rosto livre de pelos e usava o capacete guarnecido de espigões dos Imaculados. Avaliou-os friamente. O Magíster Illyrio rosnou-lhe qualquer coisa no rude idioma dothraki; o guarda respondeu-lhe no mesmo tom e deu-lhes passagem com um gesto através dos portões.



A ira flamejou nos olhos lilás de Viserys.
— Tomais-me por um tolo?

Dany reparou que a mão do irmão estava cerrada com força no punho da sua espada emprestada. Parecia quase tão assustado como ela se sentia.

— Eunuco insolente — murmurou Viserys enquanto o palanquim subia aos balanços até à mansão.

As palavras do Magíster Illyrio eram mel.

— Esta noite estarão muitos homens importantes no banquete. Homens assim têm inimigos. O khal deve proteger os seus convidados, vós acima de todos, Vossa Graça. Não há dúvidas de que o Usurpador pagaria bem pela vossa cabeça.

— Oh, sim — disse sombriamente Viserys. — Ele tentou, Illyrio, asseguro-vos disso. Os seus traidores contratados seguem-nos para todo o lado. Sou o último dragão, e ele não dormirá descansado enquanto eu viver.

O palanquim abrandou e parou. As cortinas foram puxadas e um escravo ofereceu uma mão para ajudar Daenerys a sair. O seu colar, reparou ela, era de bronze comum. O irmão seguiu-a, com uma das mãos ainda cerrada com força no punho da espada. Foram precisos dois homens fortes para pôr de novo o Magíster Illyrio de pé.

Dentro da mansão, o ar estava pesado com o cheiro de especiarias, noz de fogo, limão doce e canela. Foram levados através do átrio, onde um mosaico de vidro colorido retratava a Destruição de Valíria. Óleo ardia em lanternas negras de ferro dispostas ao longo das paredes. Sob uma arcada composta por folhas de pedra interligadas, um eunuco cantou a sua chegada:

— Viserys da Casa Targaryen, o Terceiro de seu Nome — gritou numa voz doce e aguda —, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Rei dos Sete Reinos e Protetor do Território. Sua irmã, Daenerys, Filha da Tormenta, princesa de Pedra do Dragão. O seu honorável anfitrião, Illyrio Mopatis, Magíster da Cidade Livre de Pentos.

Passaram pelo eunuco e entraram num pátio orlado de pilares cobertos de hera clara. O luar pintava as folhas em tons de osso e prata enquanto os convidados vagueavam por entre elas. Muitos eram senhores dos cavalos dothraki, grandes homens de

pele vermelha acastanhada, com os bigodes pendentes presos por anéis de metal, e o cabelo negro oleado, entrançado e atado a campainhas. Mas por entre eles moviam-se sicários e mercenários de Pentos, Myr e Tyrosh, um sacerdote vermelho ainda mais gordo do que Illyrio, homens peludos vindos do Porto de Ibben, e senhores das Ilhas do Verão com a pele negra como ébano. Daenerys olhou-os a todos maravilhada... e compreendeu, com um súbito sobressalto de medo, que era a única mulher ali presente.

Illyrio sussurrou-lhes:

— Aqueles três são os companheiros de sangue de Drogo, ali — disse. — Junto ao pilar está Khal Moro com o filho Rhogoro. O homem de barba verde é irmão do Arconte de Tyrosh, e o homem que está atrás dele é Sor Jorah Mormont.

O último nome capturou a atenção de Daenerys.

— Um cavaleiro?

— Nem mais, nem menos. — Illyrio fez um sorriso sob a barba. — Ungido com os sete óleos pelo próprio Alto Septão.

— Que faz ele aqui? — disse ela.

— O Usurpador quis vê-lo morto — disse-lhes Illyrio. — Uma afrontazinha qualquer. Vendeu alguns caçadores furtivos a um negociante de escravos de Tyrosh em vez de os entregar à Patrulha da Noite. Uma lei absurda. Um homem deve ser autorizado a fazer o que bem entenda com os seus bens.

— Quererei falar com Sor Jorah antes do fim da noite — disse Viserys. Dany deu por si a olhar com curiosidade o cavaleiro. Era um homem velho, com mais de quarenta anos e a perder o cabelo, mas mantinha-se forte e em forma. Em vez de sedas e algodão, trajava de lã e de couro. A sua túnica era verde escura, bordada com a imagem de um urso negro em pé sobre duas patas.

Ainda observava aquele estranho homem vindo da pátria que nunca conhecera quando o Magíster Illyrio colocou uma mão úmida no seu ombro nu.

— Ali, doce princesa — sussurrou — está o próprio khal.

Dany quis fugir e esconder-se, mas o irmão estava a ob-

servá-la e sabia que se lhe desagradasse, acordaria o dragão. Ansiosa, virou-se e olhou o homem que Viserys esperava que pedisse para desposá-la antes de a noite acabar.

A jovem escrava não se enganara muito, pensou. Khal Drogo era uma cabeça mais alto do que o mais alto dos presentes na sala, mas de certo modo leve de pés, tão gracioso como a pantera que havia na coleção de Illyrio. Era mais novo do que ela pensara, não teria mais de trinta anos. A sua pele era da cor de cobre polido, e o seu espesso bigode estava preso com anéis de ouro e bronze.

— Devo ir fazer as minhas apresentações — disse o Magíster Illyrio. — Esperai aqui. Trá-lo-ei até vós.

O irmão tomou-lhe o braço quando Illyrio se dirigiu, bamboleante, até junto do khal, e os seus dedos apertaram-na com tanta força que a magoaram.

— Vês a sua trança, querida irmã?

A trança de Drogo era negra como a meia-noite, pesada de óleo perfumado e repleta de minúsculas campainhas que tiniam suavemente quando ele se movia. Chegava-lhe bem abaixo do cinto, até mesmo abaixo das nádegas; a ponta roçava-lhe na parte de trás das coxas.

— Vês como é longa? — disse Viserys. — Quando os dothraki são derrotados em combate, cortam as tranças em desgraça para que o mundo saiba da sua vergonha. Khal Drogo nunca perdeu um combate. É Aegon, o Senhor do Dragão, regressado, e tu serás a sua rainha.

Dany olhou Khal Drogo. O seu rosto era duro e cruel, os seus olhos tão frios e escuros como ónix. O irmão magoava-a por vezes, quando acordava o dragão, mas não a assustava como aquele homem o fazia.

— Não quero ser sua rainha — ouviu a sua voz dizer num tom fraco e agudo. — Por favor, por favor, Viserys, não quero. Quero ir para casa.

— Para casa? — Ele manteve a voz baixa, mas ela conseguia ouvir a fúria na entoação. — Como havemos de ir para casa, minha doce irmã? Eles roubaram-nos a casa! — Levou-a para as

sombras, para fora de vista, com os dedos a enterrar-se na sua pele. — Como havemos de ir para casa? — repetiu, referindo-se a Porto Real, e a Pedra do Dragão e a todo o território que tinham perdido.

Dany quisera apenas falar dos seus quartos na propriedade de Illyrio, que certamente não seria uma casa verdadeira mas era tudo o que possuíam, mas o irmão não quisera ouvir isso. Ali não havia para ele uma casa. Mesmo a casa grande com a porta vermelha não fora uma casa para ele. Os seus dedos enterravam-se com força no braço dela, exigindo uma resposta.

— Não sei... — disse por fim, com a voz a perder firmeza. Lágrimas jorraram-lhe dos olhos.

— Mas eu sei — disse ele com voz cortante. — Vamos para casa com um exército, minha doce irmã. Com o exército de Khal Drogo, eis como vamos para casa. E se para isso tiveres de casar-te com ele e com ele dormir, fá-lo-ás. — Sorriu-lhe. — Deixaria que todo o seu khalasar te violentasse se fosse preciso, minha doce irmã, todos os quarenta mil homens e também os seus cavalos, se isso fosse necessário para obter o meu exército. Fica grata que seja só o Drogo. Com o tempo, podes até aprender a gostar dele. Agora seca os olhos. Illyrio está a trazê-lo para cá, e ele não vai ver-te chorar.

Dany virou-se e viu que era verdade. O Magíster Illyrio, todo sorrisos e vénias, escoltava Khal Drogo em direção ao sítio onde eles se encontravam. Afastou com as costas da mão as lágrimas que não tinham saído dos seus olhos.

— Sorri — murmurou Viserys nervosamente, com a mão a cair sobre o punho da espada. — E põe-te direita. Deixa que ele veja que já tens peito. Bem sabem os deuses que o tens bem pequeno.

Daenerys sorriu e pôs-se direita.

Dois



DAENERYS TARGARYEN desposou Khal Drogo com medo e um esplendor bárbaro num descampado para lá das muralhas de Pentos, pois os dothraki acreditavam que todas as coisas importantes na vida de um homem deviam ser feitas a céu aberto.

Drogo chamou o seu khalasar para o servir e eles vieram, quarenta mil guerreiros dothraki e um número incontável de mulheres, crianças e escravos. Acamparam fora das muralhas da cidade com as suas vastas manadas de gado, erguendo palácios de erva entrançada, comendo tudo o que encontravam, e tornando o bom povo de Pentos mais ansioso a cada dia que passava.

— Os meus colegas magísteres duplicaram o tamanho da guarda da cidade — informou Illyrio uma certa noite na mansão que pertencera a Drogo, entre bandejas de pato com mel e laranjas-pimenta. O khal juntara-se ao seu khalasar, e a sua propriedade fora oferecida a Daenerys e ao irmão até ao casamento.

— É melhor que casemos depressa a Princesa Daenerys antes que entreguem metade da riqueza de Pentos a mercenários e sicários — brincou Sor Jorah Mormont. O exilado pusera a es-

pada ao serviço do irmão de Dany na noite em que esta fora vendida a Khal Drogo; Viserys aceitara-a com avidez. Mormont tornara-se desde então uma companhia constante.

O Magíster Illyrio soltou uma ligeira gargalhada através da barba bifurcada, mas Viserys nem sequer sorriu.

— Pode tê-la amanhã, se o desejar — disse o príncipe. Olhou de relance para Dany e ela baixou os olhos. — Desde que pague o preço.

Illyrio ergueu uma mão lânguida, fazendo cintilar anéis nos seus gordos dedos.

— Já vos disse, tudo está assente. Confiai em mim. O khal prometeu-vos uma coroa, e tê-la-eis.

— Sim, mas quando?

— No momento que o khal escolher — disse Illyrio. — Obterá primeiro a rapariga, e depois do casamento terá de fazer a sua procissão pela planície para a apresentar a dosh khaleen em Vaes Dothrak. Talvez depois disso. Se os presságios favorecerem a guerra.

Viserys ferveu de impaciência.

— Borrifo-me para os presságios. O Usurpador está sentado no trono de meu pai. Quanto tempo terei de esperar?

Illyrio encolheu os enormes ombros.

— Já haveis esperado a maior parte da vida, grande rei. Que são mais alguns meses, mais alguns anos?

Sor Jorah, que viajara para leste até Vaes Dothrak, concordou com um aceno.

— Aconselho-vos a ser paciente, Vossa Graça. Os dothraki cumprem com a palavra dada, mas fazem as coisas ao seu próprio ritmo. Um homem inferior pode suplicar um favor ao khal, mas nunca deve ter a presunção de o censurar.

Viserys eriçou-se.

— Cuidado com a língua, Mormont, ou ainda acabareis por ficar sem ela. Não sou nenhum homem inferior, sou o Senhor de direito dos Sete Reinos. O dragão não suplica.

Sor Jorah baixou respeitosamente os olhos. Illyrio fez um sorriso enigmático e arrancou uma asa do pato. Mel e gordura

correram-lhe pelos dedos e pingaram-lhe na barba quando mordeu a carne tenra. Já não há dragões, pensou Dany, de olhos fixos no irmão, embora não se atrevesse a dizê-lo em voz alta.

Apesar disso, naquela noite sonhara com um. Viserys estava a bater-lhe, a magoá-la. Ela estava nua, atrapalhada de medo. Fugiu dele, mas o seu corpo parecia grosso e desajeitado. Ele bateu-lhe de novo. Ela tropeçou e caiu. “Acordaste o dragão”, gritava ele enquanto a pontapeava. “Acordaste o dragão, acordaste o dragão”. Tinha as coxas escorregadias de sangue. Fechou os olhos e choramingou. Como que em resposta, ouviu-se um hediondo som de rasgar e o estalejar de um grande fogo. Quando voltou a olhar, Viserys tinha desaparecido, grandes colunas de chamas erguiam-se por toda a parte e, no meio delas, estava o dragão. Virou lentamente a grande cabeça. Quando os olhos em fusão do animal encontraram os dela, acordou, tremendo e coberta por uma fina película de suor. Nunca tivera tanto medo...

... até ao dia em que o seu casamento por fim chegou.

A cerimónia iniciou-se de madrugada e prosseguiu até ao crepúsculo, um dia que parecia não ter fim de bebida, comida e luta. Um monumental talude de terra fora erguido entre os palácios de erva e Dany foi aí sentada, ao lado de Khal Drogo, sobre o fervente mar de dothrakis. Nunca vira tantas pessoas no mesmo lugar, nem pessoas tão estranhas e assustadoras. Os senhores dos cavalos podiam vestir tecidos ricos e usar doces perfumes quando visitavam as Cidades Livres, mas a céu aberto mantinham os velhos costumes. Quer os homens quer as mulheres trajavam vestimentas de couro pintado sobre os peitos nus e polainas de pelo de cavalo cilhadas por cintos com medalhões de bronze, e os guerreiros untavam as suas longas tranças com gordura que tiravam de fossas abertas para a recolher. Empanturravam-se de carne de cavalo assada com mel e pimentos, bebiam até cair leite fermentado de égua e os vinhos delicados de Illyrio, e cuspiam ditos de espírito uns aos outros, por cima das fogueiras, com vozes ásperas e estranhas aos ouvidos de Dany.

Viserys estava sentado logo abaixo dela, magnífico numa túnica nova de lã negra com um dragão escarlate no peito. Illyrio

e Sor Jorah sentavam-se a seu lado. Era deles o lugar de maior honra, logo abaixo dos companheiros de sangue do khal, mas Dany via a ira nos olhos lilás do irmão. Não gostava de estar sentado abaixo dela, e exasperava-se sempre que os escravos ofereciam os pratos primeiro ao khal e à noiva, e lhe davam a escolher entre as porções que estes recusavam. Nada podia fazer além de embalar o ressentimento, e foi isso que ele fez, com o humor a tornar-se mais negro com o passar das horas e dos insultos à sua pessoa.

Dany nunca se sentira tão só como enquanto esteve sentada no meio daquela vasta horda. O irmão dissera-lhe para sorrir, e portanto sorriu até lhe doer a cara e as lágrimas lhe subirem aos olhos sem serem convidadas. Fez o melhor que pôde para escondê-las, sabendo como Viserys ficaria zangado se a visse a chorar, aterrorizada com a possível reação de Khal Drogo. Era-lhe trazida comida, peças fumegantes de carne, grossas salsichas negras, tartes de sangue dothraki, e mais tarde frutos, estufados de erva-doce e delicados artigos de pastelaria vindos das cozinhas de Pentos, mas afastou tudo com gestos. Tinha o estômago às voltas e sabia que não conseguiria manter nele qualquer alimento.

Não havia ninguém com quem falar. Khal Drogo gritava ordens e brincadeiras aos companheiros de sangue, e ria das suas respostas, mas quase não olhava para o lado de Dany. Não tinham nenhuma língua em comum. O dothraki era incompreensível para ela, e o khal sabia apenas algumas palavras do valiriano adulterado das Cidades Livres, e nem uma única do Idioma Comum dos Sete Reinos. Ela até teria acolhido bem a conversa de Illyrio e do irmão, mas estavam demasiado afastados para ouvi-la.

E assim ali ficou, sentada nas suas sedas nupciais, embalando uma taça de vinho com mel, com medo de comer, falando em silêncio consigo mesma. Sou do sangue do dragão, disse a si própria. Sou Daenerys Filha da Tormenta, Princesa da Pedra do Dragão, do sangue e semente de Aegon, o Conquistador.

O Sol estava apenas no primeiro quarto do céu quando

viu o primeiro homem morrer. Soavam tambores a acompanhar algumas das mulheres que dançavam para o khal. Drogo assistia sem expressão, mas os seus olhos seguiam-lhes os movimentos, e, de vez em quando, atirava-lhes um medalhão de bronze para que elas o disputassem.

Os guerreiros também assistiam. Por fim, um deles entrou no círculo, agarrou uma dançarina pelo braço, atirou-a ao chão e montou-a mesmo ali, como um garanhão monta uma égua. Illyrio dissera-lhe que aquilo poderia acontecer. “Os dothraki acasalam como os animais das suas manadas. Não há privacidade num khalasar, e eles não compreendem o pecado ou a vergonha como nós.”

Dany afastou o olhar da união, assustada ao compreender o que estava a acontecer, mas um segundo guerreiro avançou, e um terceiro, e em breve não havia maneira de desviar os olhos. Então dois homens agarraram a mesma mulher. Ouviu um grito, viu um empurrão, e num piscar de olhos tinham sido empunhados os arakhs, longas lâminas afiadas como navalhas, meio espadas, meio gadanhas. Começou uma dança de morte, e os guerreiros andaram aos círculos, dando golpes, saltando um sobre o outro, fazendo rodopiar as lâminas sobre as cabeças, guinchando insultos a cada entrechocar de metal. Ninguém fez um gesto para interferir.

Acabou tão depressa como começou. Os arakhs estremece-ram um contra o outro mais depressa do que Dany conseguia acompanhar, um dos homens falhou um passo, o outro brandiu a lâmina num arco horizontal. O aço mordeu a pele mesmo acima da cintura do dothraki e abriu-o da espinha ao umbigo, derramando-lhe as entranhas na poeira. Enquanto o perdedor morria, o vencedor agarrou-se à mulher mais próxima — nem sequer aquela por quem tinha lutado — e possuiu-a ali mesmo. Escravos levaram o corpo para longe e a dança recomeçou.

O Magíster Illyrio também prevenira Dany sobre aquilo. “Uma boda dothraki sem pelo menos três mortes é considerada aborrecida”, dissera. O casamento dela devia ter sido especialmente abençoado; antes de o dia terminar, tinha morrido uma dúzia de homens.

À medida que as horas foram passando, o terror cresceu em Dany, até que se transformou em tudo o que a impedia de gritar. Tinha medo dos dothraki, cujos modos pareciam estranhos e monstruosos, como se fossem animais em peles humanas e não verdadeiros homens. Tinha medo do irmão, do que ele poderia fazer se ela lhe falhasse. Acima de tudo, tinha medo do que poderia acontecer naquela noite, sob as estrelas, quando o irmão a desse ao pesado gigante que bebia a seu lado, com um rosto tão imóvel e cruel como uma máscara de bronze.

Sou do sangue do dragão, disse de novo a si própria.

Quando o Sol por fim baixou no céu, Khal Drogo bateu palmas e os tambores, os gritos e o festim chegaram a um fim súbito. Drogo ergueu-se e pôs Dany de pé a seu lado. Tinha chegado o tempo dos seus presentes de noiva.

E ela sabia que depois dos presentes, depois do Sol desaparecido no horizonte, chegaria o momento da primeira cavalgada e da consumação do casamento. Dany tentou afastar esse pensamento, mas ele não a abandonava. Apertou os braços contra o corpo, tentando evitar tremer.

O irmão Viserys ofereceu-lhe três aias. Dany sabia que nada lhe tinham custado, que sem dúvida fora Illyrio a fornecer as raparigas. Irri e Jhiqui eram dothraki de pele acobreada com cabelos negros e olhos amendoados, Doreah era uma rapariga lisena de cabelos claros e olhos azuis.

— Estas não são criadas comuns, minha doce irmã — disse-lhe o irmão enquanto as traziam uma por uma. — Illyrio e eu selecionamo-las pessoalmente para ti. Irri ensinar-te-á a montar, Jhiqui treinar-te-á na língua dothraki e Doreah instruir-te-á nas artes femininas do amor. — Fez um ténue sorriso. — É muito boa. Tanto Illyrio como eu podemos jurá-lo.

O Sor Jorah Mormont desculpou-se pelo presente.

— É coisa pouca, minha princesa, mas é tudo aquilo de que um pobre exilado pode dispor — disse, ao pôr-lhe à frente uma pequena pilha de velhos livros. Viu que eram canções e histórias dos Sete Reinos, escritas no Idioma Comum. Agradeceu-lhe de todo o coração.

O Magíster Illyrio murmurou uma ordem e quatro corpulentos escravos apressaram-se a avançar, trazendo entre eles uma grande arca de cedro com aplicações em bronze. Quando a abriu, encontrou pilhas dos mais finos veludos e damascos que as Cidades Livres podiam produzir... e em cima de tudo, aninhados nos suaves panos, três enormes ovos. Dany ofegou. Eram as coisas mais belas que já vira, todos diferentes uns dos outros, com padrões de cores tão ricas que ela a princípio pensou que estivessem incrustados de joias, e tão grandes que precisava de ambas as mãos para pegar num. Ergueu-o delicadamente, à espera de o encontrar feito de algum tipo de fina porcelana ou delicado esmalte, ou até de vidro soprado, mas era muito mais pesado do que julgara, como se todo ele fosse rocha sólida. A superfície da casca estava coberta de minúsculas escamas, e quando rodou o ovo entre os dedos, elas cintilaram como metal polido à luz do sol poente. Um ovo era de um verde profundo, com manchas de lustroso bronze que iam e vinham, dependendo do modo como Dany o virava. Outro era creme claro listrado de dourado. O último era negro, tão negro como o mar da meia-noite, mas vivo com ondulações e remoinhos escarlates.

— O que são? — perguntou, com a voz baixa e maravilhada.

— Ovos de dragão, vindos das Terras das Sombras para lá de Asshai — disse o Magíster Illyrio. — As eras transformaram-nos em pedra, mas ainda possuem uma beleza ardente e brilhante.

— Ser-me-ão preciosos para sempre. — Dany ouvira histórias sobre ovos daqueles, mas nunca vira nenhum, nem pensara chegar a vê-lo. Era um presente realmente magnífico, se bem que ela soubesse que Illyrio tinha possibilidade de ser generoso. Ganhara uma fortuna em cavalos e escravos pelo papel que desempenhara na sua venda a Khal Drogo.

Os companheiros de sangue do khal ofereceram-lhe as três armas tradicionais, e que estupendas armas eram. Haggio deu-lhe um grande chicote de couro com cabo de prata, Cohollo um magnífico arakh com embutidos de ouro, e Qotho um arco de

dupla curvatura, feito de osso de dragão, mais alto do que ela. O Magíster Illyrio e Sor Jorah tinham-lhe ensinado a recusa tradicional daquelas oferendas.

— Este é um presente digno de um grande guerreiro, oh sangue do meu sangue, e eu não passo de uma mulher. Que o senhor meu marido o use em meu nome. — E assim Khal Drogo também recebeu os seus “presentes de noiva”.

E Dany recebeu uma profusão de outros presentes, oferecidos por outros dothraki: chinelos, joias e anéis de prata para o cabelo, cintos de medalhão, vestes pintadas e peles suaves, panos de sedareia e potes de perfume, agulhas, penas e minúsculas garrafas de vidro púrpura, e um vestido feito das peles de mil ratos.

— Um belo presente, Khaleesi — disse o Magíster Illyrio deste último, depois de lhe dizer o que era. — Muito afortunado.

Os presentes amontoavam-se em seu redor em grandes pilhas, mais presentes do que poderia imaginar, mais presentes do que poderia desejar ou usar.

E, no fim de tudo, Khal Drogo trouxe-lhe o seu próprio presente de noiva. Um silêncio de expectativa alastrou a partir do centro do acampamento quando ele saiu do lado dela, crescendo até engolir todo o khalasar. Quando regressou, a densa multidão de ofertantes abriu-se à sua frente, e ele levou o cavalo até ela.

Era uma poldra jovem, espirituosa e magnífica. Dany sabia apenas o suficiente de cavalos para reconhecer que aquele não era um animal vulgar. Havia algo nele que cortava a respiração. Era cinzenta como o mar de Inverno, com uma crina que parecia fumo prateado.

Hesitante, estendeu uma mão e afagou o pescoço do cavalo, fazendo correr os dedos pelo prateado da crina. Khal Drogo disse qualquer coisa em dothraki e o Magíster Illyrio traduziu.

— Prata para o prateado do vosso cabelo, diz o khal.

— É belíssima — murmurou Dany.

— É o orgulho do khalasar — disse Illyrio. — O costume

decreta que a khaleesi deve conduzir uma montada digna do seu lugar ao lado do khal.

Drogo avançou e pôs-lhe as mãos na cintura. Levantou-a com tanta facilidade como se fosse uma criança e pousou-a sobre a fina sela dothraki, muito mais pequena do que aquelas a que estava acostumada. Dany ficou ali sentada, por um momento incerta. Ninguém lhe falara daquela parte.

— O que devo fazer? — perguntou a Illyrio.

Foi Sor Jorah Mormont quem respondeu.

— Pegai nas rédeas e cavalgai. Não precisais de ir longe.

Nervosa, juntou as rédeas nas mãos e fez deslizar os pés para os pequenos estribos. Não passava duma cavaleira razoável; passara muito mais tempo a viajar em navios, carroças e palanquins do que sobre o dorso de cavalos. Rezando para não cair e envergonhar-se, deu à poldra o mais tímido dos toques com os joelhos.

E pela primeira vez nas últimas horas, esqueceu-se de ter medo. Ou talvez pela primeira vez desde sempre.

A poldra cinzenta prateada avançou com um porte suave e sedoso, e a multidão abriu alas para a deixar passar, com todos os olhos postos nelas. Dany deu por si a avançar mais depressa do que tencionara, mas isso, de algum modo, era excitante em vez de aterrador. O cavalo pôs-se a trote e ela sorriu. Os dothraki precipitavam-se para abrir um caminho. A mais ligeira pressão com as pernas, o mais pequeno toque de rédeas, e a poldra respondia. Pô-la a galope, e agora os dothraki assobiavam, gargalhavam e gritavam-lhe enquanto saltavam para longe do seu caminho. Quando virou para regressar, uma cova de fogueira surgiu-lhe à frente, mesmo no seu caminho. Estavam cercadas de ambos os lados, sem espaço para parar. Uma coragem que nunca conhecera encheu então Daenerys e ela deu liberdade à poldra.

O cavalo prateado saltou sobre as chamas como se tivesse asas.

Quando refreou o animal junto ao Magíster Illyrio, disse:

— Dizei a Khal Drogo que me ofereceu o vento. — O gordo pentoshi repetiu as palavras em dothraki enquanto afagava a

barba amarela, e Dany viu o seu novo marido sorrir pela primeira vez.

A última fatia de sol desapareceu nesse momento por trás das grandes muralhas de Pentos, para oeste. Dany perdera por completo a noção das horas. Khal Drogo ordenou aos companheiros de sangue para lhe trazerem o cavalo, um esguio garanhão vermelho. Enquanto o khal selava o cavalo, Viserys esgueirou-se até junto de Dany, enterrou os dedos na sua perna e disse:

— Dá-lhe prazer, minha doce irmã, senão juro que verás o dragão acordar como nunca acordou antes.

O medo regressou então, com as palavras do irmão. Sentiu-se de novo uma criança, apenas com treze anos e completamente só, mal preparada para o que estava prestes a acontecer-lhe.

Cavalgaram juntos sob as estrelas que surgiam, deixando para trás o khalasar e os palácios de erva. Khal Drogo não lhe dirigiu uma palavra, mas fez o garanhão atravessar a penumbra que se aprofundava num trote duro. As minúsculas campainhas de prata na sua longa trança ressoavam baixinho enquanto cavalgava.

— Sou do sangue do dragão — murmurou ela enquanto o seguia, tentando manter a coragem. — Sou do sangue do dragão. Sou do sangue do dragão. — O dragão nunca tinha medo.

Mais tarde nunca soube dizer até que distância ou durante quanto tempo cavalgaram, mas a noite tinha já caído por completo quando pararam num lugar relvado junto a um pequeno ribeiro. Drogo saltou do cavalo e tirou-a do seu. Sentiu-se frágil como vidro nas mãos dele, com membros tão fracos como água. Ficou ali, desamparada e a tremer nas suas sedas nupciais enquanto ele prendia os cavalos, e quando se virou para olhá-la, ela começou a chorar.

Khal Drogo ficou a olhar as lágrimas, com o rosto estranhamente vazio de emoção.

— Não — disse. Ergueu uma mão e limpou rudemente as lágrimas com um polegar calejado.

— Falais o Idioma Comum — disse Dany espantada.

— Não — disse ele de novo.

Talvez soubesse apenas aquela palavra, pensou ela, mas era uma palavra mais do que ela supusera, e de algum modo isso fê-la sentir-se um pouco melhor. Drogo tocou-lhe levemente o cabelo, fazendo deslizar as madeixas louras prateadas entre os dedos e murmurando suavemente em dothraki. Dany não compreendeu as palavras, mas havia calor na entoação, uma ternura que nunca esperara daquele homem.

Pôs um dedo sob o seu queixo e ergueu-lhe a cabeça, para que ela o olhasse nos olhos. Drogo erguia-se acima dela como se erguia acima de toda a gente. Pegando-a com ligeireza pelas axilas, ergueu-a e sentou-a numa rocha arredondada ao lado do ribeiro. Depois sentou-se no chão em frente dela, de pernas cruzadas sob o seu corpo, com os rostos por fim ao mesmo nível.

— Não — disse ele.

— Essa é a única palavra que conheceis? — perguntou-lhe ela.

Drogo não respondeu. A sua longa e pesada trança estava enrolada na terra ao seu lado. Puxou-a por sobre o ombro direito e começou a remover as campainhas do cabelo, uma a uma. Depois de um momento, Dany inclinou-se para a frente para ajudar. Quando terminaram, Drogo fez um gesto. Ela compreendeu. Devagar, com cuidado, começou a desfazer-lhe a trança.

Levou muito tempo. E durante todo o tempo, ele ficou ali sentado em silêncio, observando-a. Quando acabou, ele abanou a cabeça e o cabelo espalhou-se-lhe atrás das costas como um rio de escuridão, oleoso e cintilante. Nunca vira cabelos tão longos, tão negros, tão espessos.

Depois foi a vez dele. Começou a despi-la.

Os seus dedos eram hábeis e estranhamente ternos. Removeu-lhe as sedas, uma por uma, com cuidado, enquanto Dany permanecia sentada, imóvel, silenciosa, a olhá-lo nos olhos. Quando desnudou os seus pequenos seios, não conseguiu evitá-lo. Desviou o olhar e cobriu-se com as mãos.

— Não — disse Drogo. Puxou-lhe as mãos para longe dos

seios, com gentileza mas firmemente, e depois ergueu-lhe de novo o rosto para fazer com que o olhasse. — Não — repetiu.

— Não — ecoou ela.

Então, ele pô-la de pé e puxou-a, a fim de remover a última das suas sedas. Sentia o ar noturno frio na pele nua. Estremeceu, e pele de galinha cobriu-lhe os braços e pernas. Temia o que viria a seguir, mas durante algum tempo, nada aconteceu. Drogo ficou sentado de pernas cruzadas, olhando-a, bebendo-lhe o corpo com os olhos.

Um pouco mais tarde, começou a tocá-la. A princípio ligeiramente, depois com mais força. Ela sentia o feroz poder das suas mãos, mas ele nunca chegou a magoá-la. Segurou uma mão na dele e afagou-lhe os dedos um a um. Correu-lhe uma mão suavemente pela perna. Afagou-lhe o rosto, delineando a curva das suas orelhas, percorrendo-lhe a boca gentilmente com um dedo. Tomou-lhe o cabelo com ambas as mãos e penteou-o com os dedos. Virou-a de costas, massajou-lhe os ombros, fez deslizar o nó de um dedo ao longo da coluna.

Pareceu que se passaram horas antes que as mãos dele se dirigissem por fim aos seus seios. Afagou a suave pele da base até a deixar em formigueiro. Então parou e puxou-a para o seu regaço. Dany estava corada e sem fôlego, com o coração a palpitir no peito. Envolveu-lhe o rosto nas mãos enormes e ela olhou-o nos olhos.

— Não? — disse ele, e ela soube que era uma pergunta.

Tomou-lhe a mão e dirigiu-a para o seu pescoço.

— Sim — sussurrou ao beijar-lhe os lábios úmidos.